



Perseguição da igreja no Império Romano durante os primeiros três séculos da era cristã

Persecution of the church in the Roman Empire during the first three centuries of the christian era

*Wilhelm Wachholz**

EST

*Wagner Fernando Kind Strelow***

EST

Recebido em: 22/08/2023. Aceito em: 10/10/2023.

Resumo: *O presente artigo analisa a história da perseguição da igreja no Império Romano durante os primeiros três séculos da era cristã. Para isso, vale-se de testemunhos escriturísticos, nominalmente de relatos de perseguição no livro de Atos dos Apóstolos, e de fontes históricas concernentes a agentes da perseguição e a vítimas da mesma. Estuda-se a identidade das entidades promotoras de perseguição e as características da comunidade cristã perseguida em um respectivo momento histórico, as alegadas ou aparentes razões da perseguição, as consequências da perseguição, quando possível, e a metodologia empregada pelo agente perseguidor. Após a verificação de diferentes momentos dos primeiros três séculos da era cristã e a caracterização da perseguição nestes momentos, considerações finais são apresentadas quanto às facetas que o cristianismo perseguido assumia ao passar dos anos e à natureza dos perpetradores de perseguição, bem como a algumas lições que a história da igreja perseguida pode oferecer à atualidade.*

Palavras-chave: *Igreja perseguida; Império Romano; séculos I-III.*

* Doutor em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo, 2000) e professor de teologia na mesma instituição desde 2002. É catedrático de Pesquisa em Lutero e Luteranismo nas Faculdades EST (2023).

E-mail: wachholz@est.edu.br.

** Mestre em Teologia (Faculdade EST, 2021). Doutorando em teologia pelas Faculdades EST.

E-mail: wagner.strelow@flt.edu.br.





Abstract: *The present article analyzes the history of the church's persecution in the Roman Empire during the first three centuries of the Christian era. For this purpose, it resorts to scriptural testimonies, namely narratives of persecution in the book of Acts, and to historical sources concerning persecutory agents and victims of persecution. The identity of the entities promoting persecution and the characteristics of the persecuted Christian community in a respective historical moment, the alleged or apparent reasons of persecution, the consequences of the persecution, if possible, and the methodology employed by the persecuting agent. After the verification of different moments of the first three centuries of the Christian era and the characterization of the persecution in these moments, final considerations are presented regarding the different facets taken on by the persecuted Christianity during the years and the nature of the perpetrators of persecution, as well as some lessons the history of the persecuted church may offer to the modern times.*

Keywords: *Persecuted church; Roman Empire; 1st-3rd centuries.*

Introdução

Este artigo tem por objetivo verificar sucintamente a história da perseguição à igreja nos primeiros três séculos de sua existência. Este tema será analisado a partir da situação em várias épocas dentro deste espaço de tempo, e será demonstrado como a mudança de estruturação e espaço de atuação da igreja afetava as estratégias e a fenomenologia das perseguições. A metodologia empregada se constitui majoritariamente da análise e interpretação de testemunhos de vítimas e agressores do período e da subdivisão destes três séculos em épocas distintas de acordo com a forma de organização e atuação da igreja e com a prática. As citações bíblicas aqui presentes foram extraídas da Almeida Corrigida Fiel¹.

1 Cristianismo nos Atos dos Apóstolos

A perseguição fez parte da vida do Cristianismo desde os seus primórdios. Com efeito, logo após uma das primeiras pregações de Pedro e João no templo de Jerusalém (At 4), já se mostrou a primeira atitude de hostilidade contra a igreja. “E, estando eles falando ao povo, sobrevieram os sacerdotes, e o capitão do templo, e os saduceus, doendo-se muito de que ensinassem o povo, e anunciassem em Jesus a ressurreição dentre os mortos. E lançaram mão deles, e os encerraram na prisão até ao dia seguinte, pois já era tarde”².

¹ BÍBLIA; ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento*. Edição corrigida e revisada fiel ao texto original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2005.

² Atos 4, 1-3.



A perseguição às pessoas cristãs, conforme relatada em Atos dos Apóstolos, merece atenção. Em primeiro lugar, percebe-se que o relato não registra uma denúncia de perturbação da tranquilidade ou semelhante antes da prisão – a prisão de Pedro e João se deu porque as autoridades do templo de Jerusalém se incomodavam com o conteúdo da pregação. Em segundo lugar, não se contentaram em prender os dois apóstolos, porém, para que fossem silenciados, decidiram ameaçá-los para que cessassem a pregação; o que movia o grupo que perseguia os cristãos não era zelo pela legalidade, ou qualquer interesse no bem-estar do povo – Pedro e João foram presos por terem curado um homem, e isto sem terem sua autoridade derivada do sacerdócio hierosolimita. O texto continua:

Que havemos de fazer a estes homens? Porque a todos os que habitam em Jerusalém é manifesto que por eles foi feito um sinal notório, e não o podemos negar; Mas, para que não se divulgue mais entre o povo, ameaçamo-los para que não falem mais nesse nome a homem algum. E, chamando-os, disseram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus. Respondendo, porém, Pedro e João, lhes disseram: Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido. Mas eles ainda os ameaçaram mais e, não achando motivo para os castigar, deixaram-nos ir, por causa do povo; porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera³.

Ao afirmar “não acharam motivo para os castigar”, o texto implicitamente sugere que uma razão para o castigo fora procurada. Pedro e João foram encarcerados sem acusação e soltos porque não conseguiram sustentar legalmente a prisão. Situações semelhantes são registradas várias vezes na Bíblia – iniciativas com o intuito de silenciar os apóstolos. Em Atos 5,17, o sumo sacerdote ordena uma novo encarceramento de discípulos de Jesus – desta vez, não está especificado quantos deles – da qual o texto ressalta que fora motivada por inveja. Isto deve bastar para compreender a motivação dos perseguidores de cristãos em Jerusalém – não desejavam concorrência religiosa.

O livro de Atos relata ainda outras iniciativas de intolerância para com os cristãos: Em 5,40, os apóstolos são açoitados; nos capítulos 6 e 7, Estêvão é condenado por um crime de blasfêmia – que não cometeu – e é apedrejado em praça pública após pregar o Evangelho. Em Atos 8,3 Saulo,

³ Cf. Atos 4,16-21.



que depois é convertido ao movimento dos cristãos, persegue e prende vários cristãos, invadindo as casas deles para tal. Em Atos 12,1-3, é o rei Herodes que mata e tortura cristãos; em Atos 13,50, Saulo, que agora passa a ser conhecido por Paulo, e seu companheiro Barnabé são expulsos da cidade de Antioquia; em Atos 14,5, Paulo e Barnabé fogem de Icônio para não morrerem apedrejados; no versículo 19 do mesmo capítulo, os judeus de Antioquia e Icônio encontram Paulo na cidade de Listra e o apedrejam, mas ele sobrevive; em Atos 16,19-24, Paulo e Silas são presos e açoitados em Filipos por terem exorcizado uma escrava sem o consentimento dos seus senhores; como Atos 16,37 garante, a forma como Paulo e Barnabé foram tratados não concordava com a lei da época. Ademais, em Atos 17,5, judeus invadiram a casa de Jasom e alegaram que os cristãos eram insubmissos a César; em Atos 18,12, os judeus novamente intentaram perseguição judicial contra Paulo em Corinto, levando-o ao tribunal por uma questão que não competia ao governo civil resolver; em Atos 19,29, Gaio e Aristarco, companheiros de Paulo, são levados perante uma assembleia popular, que não tinha poder de jurisprudência, conforme Atos 19,40, e são demitidos por falta de provas da acusação de terem blasfemado a deusa Diana. Em Atos 21,27-36, Paulo é ameaçado de morte pelos judeus da Ásia e soldados romanos precisam tomar medidas para apartar o povo dele. Em Atos 23, Paulo tenta se explicar no conselho, e novamente os soldados romanos precisam apartá-lo dos judeus, temendo que morresse em querela com eles. Como os inimigos de Paulo não conseguiram matá-lo, armaram uma cilada contra Paulo e ele foi escoltado a Cesareia, a fim de ser protegido deles. Os perseguidores de Paulo vão a Cesareia, e lá acontece um julgamento, que não apresenta provas de que Paulo seja um criminoso; nem por isto, Paulo é solto, porque o governador Félix, para agradar os acusadores de Paulo, o deixou preso por dois anos. Ao todo, apenas no berço de sua existência, mais de quinze ações de perseguição contra o movimento de Jesus são registradas.

Em meio a tantas desventuras, não se pode ignorar que o cenário muda – se o início da igreja se deu em Jerusalém, mais tarde, ela se espalha para outras localidades.– O mundo grego ouviu falar de Jesus; em 49 d.C., Paulo sai pela primeira vez para evangelizar os gentios, e cidades como Corinto, Antioquia, Icônio e Listra estão no seu itinerário⁴. No dia 10 de agosto de 70 d.C, a cidade, e conseqüentemente, o templo de Jerusalém, caem nas mãos do imperador Tito, responsável pela destruição de cidade e templo⁵.

⁴ JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 11.

⁵ DREHER, Martin N. *História do Povo de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 31.



2 De 70 a 140: congregacionalismo

A época de 70 a 140 foi muito significativa para a história do Cristianismo. Porto Filho atesta que a igreja primitiva era congregacional, isto é, compreendia-se por igreja a comunidade local⁶. Também não havia um regramento universalmente aceito quanto à estruturação da igreja. Segundo o historiador norte-americano luterano Charles Jacobs, as mudanças neste estado de coisas se instalaram gradualmente:

Antes do ano 100 aconteceu uma mudança nesta organização, e antes de 140 veio outra. A primeira foi a transferência da pregação, do ensinamento, e da condução da adoração pública, incluindo a administração do Batismo e da Ceia do Senhor, dos “homens dotados” para os anciões. Estas se tornaram responsabilidades oficiais, e os anciões foram selecionados porque tinham, entre outras qualidades, o dom de ensinamento. Assim, o ministério do Verbo e dos Sacramentos se tornou oficial, e isto foi o início da divisão de cristãos entre “clero” e “laicato”. A segunda mudança foi igualmente importante. Nós começamos a encontrar congregações encabeçadas por um único oficial, para quem o nome de “bispo” é reservado com exclusividade. O bispo se torna o homem mais importante na igreja. Todas as responsabilidades de administração são deitadas sobre seus ombros. [...] Ele representa sua própria igreja no lidar dela com todos os outros, e em sua congregação, ele representa a autoridade espiritual de Cristo. Ele ainda é [apenas] um oficial local, mas a regra é “Uma cidade, uma igreja; uma igreja, um bispo”, e conforme a história progride, levanta-se a teoria de que os bispos são os sucessores dos apóstolos⁷.

⁶ PORTO FILHO, Manoel da Silveira. *Congregacionalismo brasileiro: fundamentos históricos e doutrinários*. Rio de Janeiro: DERP-UIECB, 1997. p. 26.

⁷ JACOBS, Charles M. *The Story of the Church: an Outline of its History from the end of the First to the end of the Nineteenth Century*. Philadelphia: United Lutheran, 1925. p. 19-20. Tradução nossa. Original: “Before the year 100 a change had taken place in this organization, and before 140 another came. The first was the transferring of the preaching and the teaching and the conducting of the public worship, including the administration of Baptism and the Lord’s Supper, from the “gifted men” to the elders. These became official duties, and the elders were selected because they had, among other qualities, the teaching-gift. Thus the ministry of the Word and Sacraments became official, and that was the beginning of the division of Christian into “clergy” and “laity”. The second change was equally important. We begin to find congregations headed by a single officer for whom the name “bishop” is exclusively reserved. The Bishop becomes the most important man in the Church. All the duties of administration are laid upon his shoulders. [...] He represents his own church in its dealings with all others, and in his congregation he represents the spiritual authority of Christ. He is still a local officer, for each church chooses its own bishop, but the rule is “One city, one church; one church, one bishop,” and as time goes on the theory arises that the bishops are the successors of the apostles.”



Esta contextualização histórica é importante para entender como se deu a perseguição naquela época. Paulo de Tarso, além de outros missionários, evangelizaram cidades do mundo grego. É neste contexto que pistas sobre a perseguição da igreja durante o período entre a destruição de Jerusalém e a uniformização da estrutura eclesial apresentada por Jacobs serão encontradas. A realidade de que a comunidade cristã era, na época após a destruição de Jerusalém, uma comunidade majoritariamente grega no Império Romano, pode ser percebido pelo fato de que a Epístola de Paulo aos Romanos – ou seja, aos cristãos que viviam em Roma, cidade que tinha por idioma o latim – fora escrita originalmente em grego. Também não era possível perseguir a comunidade cristã destruindo sua sede, porque Jerusalém já fora destruída em 70, e cada comunidade funcionava independentemente da outra⁸.

Um dos testemunhos da época, capaz de delimitar tanto a capacidade de alcance da mensagem cristã dentro do mundo grego, é uma troca de cartas entre o governador Plínio, que era responsável pela Bitínia no período de 111 a 114 – parte da atual Turquia – e o imperador Trajano. Percebe-se que, em menos de 100 anos de existência, ao menos naquela região, o cristianismo já havia causado a prática oficial do Império a declinar significativamente⁹ – Plínio fala que os templos pagãos estavam praticamente abandonados na Bitínia e dá a entender que foi a perseguição às pessoas cristãs promovida por Plínio que estava lentamente reativando o sistema religioso pagão¹⁰.

Uma vez que ele, como representante de Roma, não obteria benefício algum em informar ao palácio imperial que a religião oficial do Império tivesse declinado em sua província, é muito improvável que se trate de exagero por parte de Plínio, e sim de um pedido de ajuda quanto a uma situação que saiu do controle do governo local. Novamente aqui, semelhante às perseguições que judeus impuseram ao Cristianismo no seu período mais remoto, o interesse era neutralizar a concorrência religiosa representada pela igreja.

3 De 140 até 200: episcopado monárquico helênico

Após o episcopado monárquico ter se tornado uma realidade em todo o Império Romano, não houve, subsequentemente, uma expansão

⁸ PORTO FILHO, 1997, p. 26.

⁹ PRETSCHER, Josef. *Kirchengeschichte aus erster Hand: Berichte von Augenzeugen und Zeitgenossen*. Würzburg: Arena, 1964. p. 32-33.

¹⁰ PRETSCHER, 1964, p. 32.



para as pessoas que não dominassem o idioma grego. A perseguição por parte do governo romano acompanhava o Evangelho para onde quer que fosse pregado. Um testemunho esclarecedor da dinâmica que era usada na segunda metade do século II para promover a repressão à religião cristã é aquele que relata a perseguição dos cristãos em Lião, atual França, em 177-178. O redator do testemunho, que permanece desconhecido, entendeu o ocorrido com um antegosto da vinda do Anticristo, que seria muito pior¹¹. E ao analisar como se deu a perseguição, não se pode considerar irracional o argumento.

Quão pesada foi a opressão aqui, quão grande a raiva dos gentios contra os santos, [e] tudo o que os beatos mártires suportaram, não podemos recontar pormenorizadamente nem de forma oral nem escrita. Com toda a violência o inimigo caiu sobre nós e assim oral deu já agora um antegosto de sua terrível vinda posterior. Ele fez todo o possível ao exercitar e ensinar os seus para o ataque contra os servos de Deus. Assim, estes não foram apenas expulsos das casas, dos banhos e do mercado, mas por fim nenhum dos nossos podia ser visto em lugar algum¹².

A perseguição em Lião começa, portanto, com a exclusão social de toda a gente que se considera parte do corpo de Cristo. Os banhos públicos e o mercado eram os lugares de convivência social da cidade romana – quem é cristão agora precisa tomar a decisão entre a sua confissão de fé e a participação na vida social da cidade. Isto tudo ocorreu, pelo que o autor indica, antes de um veredito judicial. Quando, porém, os cristãos haviam sido presos após uma série de humilhações por parte de populares, foram levados à praça central da cidade, onde foram julgados de forma muito peculiar: A sessão judicial não ofereceu direito de defesa para os réus. Quando Vétio Epágato, um cristão de Lião, pediu para ser ouvido e rebater as acusações que haviam sido feitas contra os cristãos, o governador simplesmente lhe perguntou se era cristão, e, no momento que Epágato confessou sua fé, ele “tomou parte da sorte dos mártires”¹³.

¹¹ PRETSCHER, 1964, p. 36.

¹² PRETSCHER, 1964, p. 36. Tradução nossa. Original: „Wie schwer hier die Bedrückung war, wie groß die Wut der Heiden gegen die Heiligen, was die seligen Märtyrer alles ausgestanden haben, das können wir weder mündlich noch schriftlich bis ins einzelne erzählen. Mit aller Gewalt brach der Widersacher über uns herein und gab damit schon jetzt ein Vorspiel seines späteren furchtbaren Kommens. So wurden diese nicht nur aus den Häusern und Bädern und vom Markt verdrängt, sondern es durfte sich schließlich überhaupt keiner der Unsrigen mehr irgendwo sehen lassen.“

¹³ PRETSCHER, 1964, p. 37. Tradução nossa. Original: “erhielt er [...] Anteil am Los der Märtyrer”.



Aqui há dois elementos que explicitam o desespero das autoridades romanas para com a situação em Lião: A exclusão social e o processo judicial corrompido. O interesse não era encontrar culpados para crimes que haviam ocorrido em Lião e puni-los; queria-se exterminar os cristãos. Walker atesta que, a partir de 180, o Império Romano começou a entrar em declínio¹⁴; é indubitável que se temia a expansão do cristianismo, caso contrário, não se teria tomado medidas tão drásticas contra um grupo que nunca havia praticado violência contra a autoridade instituída. O fato de que não era outro o interesse do governo de Lião, a não ser exterminar a igreja cristã, mostra-se pela crueldade desumana com a qual foram executados os cristãos. Muitos nem sobreviveram ao interrogatório por causa da tortura; mas a maioria faleceu na prisão¹⁵; aos que sobreviveram, o imperador deu dois destinos diferentes: cristãos com cidadania romana deveriam ser decapitados, e os não-cidadãos lançados aos animais¹⁶. A forma como morreu Blandina, uma mulher cristã, mostra que interessava aos oficiais romanos estatuar exemplos para que os não-cristãos não se convertessem; após a tortura na prisão, ela foi publicamente chicoteada, jogada aos animais selvagens e queimada com uma grade de ferro. Blandina faleceu quando estava amarrada por uma rede e um touro a catapultou com os chifres. Tudo isto aconteceu aos olhos de uma grande multidão, e com a presença e o aval do imperador romano¹⁷.

4 A primeira metade do século III: tolerância

O cristianismo do século III não é mais uma religião exclusiva da sociedade grega; o latim se instaura na liturgia e na teologia, e a África do Norte, Espanha, toda a França e provavelmente a Grã-Bretanha começaram a ouvir falar de Jesus em latim no início do século III. De 180 até 248 as perseguições diminuíram e estavam mais centradas em focos específicos¹⁸. Nem por isso, a realidade da perseguição deixou de existir completamente.

Havia pessoas que usavam a escrita para difamar o cristianismo, e não há relatos de que a censura da época se opôs a isso. Eusébio de

¹⁴ WALKER, Williston. *A History of the Christian Church*. New York: Scribner's Sons, 1934. p. 83.

¹⁵ PRETSCHER, 1964, p. 39.

¹⁶ PRETSCHER, 1964, p. 40.

¹⁷ PRETSCHER, 1964, p. 40-41.

¹⁸ WALKER, 1934, p. 84.



Cesareia relata de um filósofo pagão, Porfírio, que acusava Orígenes de interpretar falsamente os livros de Moisés e chamava o estilo de vida dele de criminoso¹⁹. Porém, a ideia de que a difamação foi a única dificuldade com a qual o Cristianismo teve de lidar não compreende toda a verdade sobre o período histórico entre 180 a 248. As ofensas que Porfírio proferiu contra Orígenes tinham total endossamento do aparato legal da época – pois o Cristianismo nunca foi legalizado durante a época da vida de Orígenes. Williston Walker sintetiza a situação da igreja na época da seguinte forma:

*Praticamente, [a Cristandade] gozou um grau considerável de tolerância durante a maior parte desta época. A perseguição que começou sob Marco Aurélio continuou durante o reino de Cômodo, mas ele logo negligenciou a igreja, assim como fazia com tudo que não estava relacionado com seus prazeres. Este descanso continuou até o reino de Setímio Severo (193-211); mas foi interrompido em 202 por uma perseguição de severidade considerável, especialmente em Cartago e no Egito. Sob Caracala (211-217), a perseguição voltou a grassar na África do Norte*²⁰.

Walker ainda denuncia mais uma perseguição entre 235 e 238, durante o reino de Maximino, na qual um bispo romano, Ponciano, e o antibispo Hipólito foram escravizados e morreram pouco depois devido à insalubridade do trabalho²¹. O historiador Jacques Moreau identifica a principal razão para a impossibilidade de um tratado entre governo romano e igreja – principalmente na África do Norte – no fato de que não havia real unidade na cristandade africana. Se a igreja católica tivesse entrado em acordo com Septímio Severo, os montanistas, um grupo dissidente, não se permitiriam negociar com ambos os partidos. Tertuliano, que no século III era montanista, promulgava uma campanha de deserção do exército romano e proibia aos seus seguidores qualquer cargo público na

¹⁹ RITTER, Adolf Martin. *Alte Kirche*. vl. 1. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1977. p. 74-75.

²⁰ WALKER, 1934, p. 84-85. Tradução nossa. Original: “*Practically, it enjoyed a considerable degree of toleration during most of this epoch. The persecution which had been begun under Marcus Aurelius continued into the reign of Commodus, but he soon neglected the church, as he did about everything else not connected with his own pleasures. This rest continued till well [sic!] into the reign of Septimius Severus (193-211); but was broken in 202 by a persecution of considerable severity, especially in Carthage and Egypt. Under Caracalla (211-217), persecution raged again in North Africa.*”

²¹ WALKER, 1934, p. 85.



estrutura estatal romana²². Havia também na época um sério problema demográfico; os casamentos não conseguiam gerar filhos o suficiente para manter os números populacionais. As leis que o governo romano instituiu contra este problema eram combatidas por cristãos heterodoxos como Taciano, Tertuliano e Orígenes; estes não só queriam um “systema patridos” isto é, uma comunhão pautada por um estilo de vida exclusivo para pessoas cristãs de cada cidade, fundamentado na Palavra de Deus – ou seja, algo que poderia parecer uma forma de estado paralelo ao governo romano –, como também criticavam as pessoas que obedeciam às leis romanas²³. Leia-se aqui o comentário depreciativo que Taciano faz sobre uma senhora de nome Êtúquis, que era mãe de trinta filhos:

Porque considerais a imagem de uma mulher, que deu à luz trinta crianças, uma obra tão maravilhosa? Ela cedeu à sua sensualidade ao extremo, portanto, ela deveria ser um objeto de abominação; muito antes, deveria ser comparada com aquela porca, da qual se diz que os antigos romanos lhe prestaram um culto misterioso pela mesma razão²⁴.

Seja aqui lembrado que Taciano não era um cristão ortodoxo. Uma vez que os oficiais romanos não eram versados em teologia cristã, e ao sentir uma ameaça contra o país que já estava tão enfraquecido, escreviam editos contra a totalidade dos supostos inimigos dos projetos de governo ao invés de buscar a origem do problema. O edito de 202 proibia cristãos e judeus de fazer proselitismo²⁵; percebe-se aqui a amplitude do documento, e, conseqüentemente, quão pouca atenção se dava às diferentes nuances que havia entre as duas religiões – cristianismo e judaísmo – e quão pouco se sabia (provavelmente, nada) sobre as divergências teológicas nos movimentos dentro destas mesmas religiões. Esta aporia pode ser comprovada ao analisar o primeiro dos oito livros “Contra Celso”, no qual Orígenes rebate as acusações de Celso contra a religião cristã, parafraseando trechos de um livro de Celso chamado

²² MOREAU, Jackson. *Die Christenverfolgung im Römischen Reich*. Berlin: Töpelmann, 1961. p. 70-71.

²³ MOREAU, 1961, p. 72.

²⁴ MOREAU, 1961, p. 72. Tradução nossa. Original: “*Warum haltet ihr das Bild einer Frau, die dreißig Kinder zur Welt gebracht hat, für ein so wunderbares Werk? Sie hat ihrer Sinnlichkeit bis zum Äußersten nachgegeben, sie sollte also eher ein Gegenstand des Abscheus sein; sie sollte eher mit der Sau verglichen werden, von der es heißt, daß die alten Römer ihr aus dem gleichen Grund einen Mysterienkult gestiftet haben.*”

²⁵ MOREAU, 1961, p. 74.



“Palavra Verdadeira”. Este Celso dizia, entre outras coisas, que “os cristãos parecem exercer um poder pelas invocações dos nomes de certos demônios”²⁶. Celso também mostrava a sua incapacidade de discernir entre cristianismo e judaísmo de muitas outras doutrinas orientais: “Existe uma doutrina de grande antiguidade, sempre sustentada pelos povos mais sábios, pelas cidades, pelos sábios”²⁷. Este Celso coloca ao lado dos judeus, que seriam um dos povos que seguiriam a doutrina dos cristãos, ainda “egípcios, assírios, indianos, persas, odrísas e habitantes da Samotrácia e de Elêusis”²⁸. Com esse tipo de desinformação, não é difícil entender as razões de uma perseguição por parte do governo romano, nem a razão de ser tão generalizada. Como em todas as perseguições, houve vítimas fatais. Catecúmenos de Cartago tiveram de morrer por causa disto, entre eles, Felicidade e Perpétua²⁹.

5 De 250 a 310: 42 anos de paz entre duas perseguições

A época ao redor do ano de 250 foi devastadora para a igreja. Décio, imperador que ascendeu ao poder mediante um golpe de Estado promovido por soldados, começou uma perseguição sistematizada, que veio sem prenúncios³⁰. Qual, porém, o interesse de Décio em retornar aos modos de imperadores de séculos atrás? Moreau entende que se tratava da necessidade de reafirmar uma identidade nacional, que, sem a adoração dos deuses romanos, não poderia existir para Décio. Em cada cidade foi constituída uma comissão para zelar pelo serviço a estes deuses – quem quer que morasse no Império Romano, deveria imolar um sacrifício de súplica pelo bem do imperador às divindades³¹.

Tratava-se, conforme ainda Moreau, de uma perseguição sistematizada, porque uma das atitudes do grupo perseguidor foi o assassinato do bispo romano Fabiano em 20 de janeiro de 250³² – importava que a igreja permanecesse sem líder. Não é difícil imaginar que as ideias

²⁶ ORÍGENES; FRANGIOTTI, Roque. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 45.

²⁷ ORÍGENES, 2004, p. 54.

²⁸ ORÍGENES, 1926, p. 54.

²⁹ MOREAU, 1961, p. 75.

³⁰ MOREAU, 1961, p. 84-85.

³¹ MOREAU, 1961, p. 85.

³² MOREAU, 1961, p. 85.



do “systema patridos” promulgadas por alguns grupos cristãos ainda estivessem vivas nas mentes de cristãos e pagãos da época; igualmente livros escritos com o objetivo de difamar o cristianismo, a despeito de provas contrárias, como era o “Verbo Verdadeiro” de Celso, circulavam nas bibliotecas dos oficiais romanos e gozavam de mais reputação que as apologias cristãs. Um imperador que ascende ao poder mediante um golpe militar não pode admitir um “systema patridos” fora da sua concepção estatal – quem não se encaixa no modelo de sociedade precisa ou se adaptar ou ser eliminado.

As perseguições anteriores prescindiam majoritariamente de conhecimento de causa por parte de perseguidores, de embasamento legal, ou de presença em todo o território romano, como foi demonstrado a partir de testemunhos da época. Aqui, todos estes três elementos estavam presentes. O conhecimento de causa se mostra por exigir algo sabidamente incompatível com as convicções de fé da população cristã; o embasamento legal se dá por um edito de meados do ano de 250 assinado pelo imperador – meses após a eliminação do patriarca romano; e as comissões instaladas em cada cidade garantiram a divisão de cristãos em dois grupos: os perseguidos e os lapsos (cristãos que ou amaldiçoaram a Jesus ou performaram qualquer outro ritual abominável à doutrina cristã, como o sacrifício a um ídolo, para não morrer)³³. Quem sacrificava, perdia direitos na comunidade cristã; quem não sacrificava, era torturado até cumprir a ordem do imperador, e muitos morreram por causa das torturas³⁴.

Em diferentes contextos, lideranças optaram por vários caminhos para resolver o problema de cristãos lapsos – antes disso, não havia surgido a necessidade de refletir sobre o que fazer com significativo número de fiéis que haviam publicamente negado sua fé a Jesus, porém queriam retornar à igreja. Novaciano, um presbítero de Roma, e Novato, um bispo cartageno separado da comunhão católica, defendiam que a negação dos fundamentos da fé não deveria ser perdoada – assim uma contra-igreja surgiu, cujo líder era Novato, e esta se manteve por mais de cinquenta anos no Oriente³⁵.

Em 253, um novo imperador ascende ao trono: Valeriano. Em seu governo, o clero cristão fora forçado a optar entre sacrificar aos ídolos

³³ MOREAU, 1961, p. 85-86.

³⁴ MOREAU, 1961, p. 86.

³⁵ MOREAU, 1961, p. 87.



ou morrer, e quem confessava a Cristo não podia mais se reunir para celebrações litúrgicas ou ter direito a um cemitério³⁶. Como se não bastasse, em 257, o então imperador Valeriano lança mais um edito contra a igreja; no qual constava que

[...] sejam castigados imediatamente os bispos, sacerdotes e diáconos; os senadores, cavaleiros e fidalgos romanos devem ser privados de suas propriedades e degradados; e, se persistirem na fé, decapitados; as matronas, privadas de seus bens e desterradas. Qualquer membro da casa de César que confessou ou ainda confessa ser cristão, perderá seus bens e será entregue prêso [sic!] para trabalhos forçados nas terras do imperador³⁷.

Percebe-se a tendência de liquidar as lideranças, já visível em Décio. Isto mostra o papel que exerciam os bispos – principalmente, o de Roma – nesta época. Como foi ressaltado acima, por volta do ano de 140, o método congregacional de estrutura comunitária caiu por completo em desuso. Valeriano muito provavelmente estava bem informado sobre a hierarquia interna da igreja, como seu antecessor Décio. Mostrou-se muito mais fácil impedir a execução da liturgia, a prática do catecumenato e a ministração da caridade mediante o afastamento de quem era responsável por estes serviços que, que levar a juízo cada pessoa da qual se havia ouvido falar que estudou as escrituras dos cristãos. A situação da comunidade cristã só melhorou quando o novo imperador Galieno, no ano de 260, reinstaurou a liberdade religiosa³⁸, que deveria durar até o império de Diocleciano; este restaurou as leis de Valeriano e usou do mesmo modo de agir que ele a partir de março de 303³⁹.

A tentativa de restaurar a religiosidade oficial romana da época e impedir a cristã de ser exercida, levando à execução as lideranças da igreja, se mostrou fracassada. Além disso, Diocleciano começou a exigir – como Décio já o havia feito anteriormente – sacrifícios de todas as pessoas que habitavam o império. Maximino, imperador de 308 a 311, levou tão a sério esta restauração que não só exigiu sacrifícios aos deuses romanos até das crianças de colo, como também restaurou em todas as cidades e aldeias do Império o culto oficial romano, nomeando sacerdotes

³⁶ BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1967. p. 42.

³⁷ BETTENSON, 1967, p. 42.

³⁸ BETTENSON, 1967, p. 42-43.

³⁹ BETTENSON, 1967, p. 43.



para cada localidade e restaurando vários templos que estavam entregues ao abandono⁴⁰. Perceba-se aqui a relação com a perseguição promovida por Plínio na Bitínia, aproximadamente 200 anos antes: novamente os templos estavam abandonados e o aparato político do Império reage perseguindo os cristãos.

6 Constantino: o fim das perseguições

A situação se altera com a posse do imperador Constantino, que reinou do ano de 313 a 337. Eusébio entende que Constantino precisava de um aliado para vencer o então imperador Maxêncio, e que encontrou este aliado no Deus dos cristãos⁴¹. O mesmo Eusébio ainda relata que Constantino foi criado em um lar cristão, e alega que, após a vitória sobre Maxêncio, não só devolveu à igreja propriedades roubadas ou alienadas e fez ricas doações a ela, mas também ordenou que fossem erigidas estátuas e imagens dele com uma lança em forma de cruz na mão⁴². Constantino não usou de violência para com quem adorava outros deuses, mas, conforme se pode ler em Eusébio, pela primeira vez, havia um imperador que publicamente se confessava cristão. Constantino ordenou a construção de várias igrejas no seu Império, como, por exemplo, a Igreja da Ressurreição, em Jerusalém⁴³. Agora, quem era perseguido não era mais o cristianismo, e sim o paganismo. Conforme Eusébio, Constantino ordenou a destruição de pórticos e telhados de templos pagãos, com o fim de expor os ídolos à chacota de quem os quisesse ver⁴⁴. Imagens de ouro foram derretidas para que se aproveitasse o material⁴⁵. Vale notar aqui que não foi a igreja que promoveu tais atos, e sim um imperador, por meios oficiais do governo romano.

Conclusão

Três modelos de crmandade foram abordados neste artigo. No princípio, se tratava de um movimento minoritário dentro de outro

⁴⁰ BETTENSON, 1967, p. 43-44.

⁴¹ PRETSCHER, 1964, p. 62-63.

⁴² PRETSCHER, 1964, p. 64-65.

⁴³ PRETSCHER, 1964, p. 67.

⁴⁴ PRETSCHER, 1964, p. 69.

⁴⁵ PRETSCHER, 1964, p. 70.



movimento minoritário, o Judaísmo. Após o ano 70, e até a virada do segundo para o terceiro século, esta religião migrou seu lugar vivencial para o ambiente helênico, e por fim, mais tardar após os escritos de Tertuliano, o cristianismo se tornou uma religião que acolhia também os falantes do latim.

A fenomenologia da perseguição teve influências a partir do contexto no qual o Cristianismo estava inserido: se até o ano 70, os únicos perseguidores de que se tem noção ou eram judeus ou ligados ao contexto do Judaísmo, como oficiais romanos que trabalhavam em áreas onde havia judeus, após a destruição do templo, a perseguição parte das mãos destes para funcionários do Império Romano em áreas de fala grega, e mais tardar a partir de 250, quem comanda a perseguição é ninguém menos que o Imperador.

O que se altera é o contexto geográfico: primeiro Jerusalém, depois Bitínia e outras províncias e cidades pequenas, por fim, todo o Império Romano. O que permanece constante são os motivos do elemento perseguidor: Quem aceita a Jesus abandona o culto sinagoga e templário, ou ao menos não submete mais seu estilo de vida aos ditames dos escribas judeus. Quem aceita a Jesus não quer mais oferecer sacrifícios a nenhum deus pagão, e prefere morrer a sustentar os cultos pagãos com seus meios. A perseguição visava exterminar um concorrente no mercado religioso da respectiva época. O fato de que notícias falsas eram espalhadas indiscriminadamente sobre a religião cristã foi de grande auxílio para mobilizar esta perseguição.

Ao menos esta é a situação até o surgimento de movimentos com relações instáveis ou completamente rompidas para com o cristianismo católico. Seus posicionamentos desafiadores aos propósitos do Império Romano, como a aversão à mães de muitos filhos, apesar de não manifestarem real interesse de assumir o domínio do Império, levaram as autoridades romanas a considerarem a cristandade toda como um elemento inimigo do Estado.

Para concluir, afirma-se que a perseguição religiosa promovida tanto por atores religiosos quanto por políticos, se é que esta distinção é possível no escopo deste artigo, não promoveu em nada os interesses religiosos e políticos dos perseguidores a longo prazo. A ação baseada em falsas informações ou voltada à erradicação de um movimento, ao invés do estudo aprofundado das razões de ser do respectivo movimento e eventual punição cirúrgica de um ou mais elementos que realmente



sejam transgressores da lei, não inibe, apenas magnifica o caos social. A convicção religiosa não pode ser coagida por meio da violência, e sim deve urgir da razão e da história de cada indivíduo.

Referências

BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1967.

BÍBLIA; ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento*. Edição corrigida e revisada fiel ao texto original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2005.

DREHER, Martin N. *História do Povo de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

JACOBS, Charles M. *The Story of the Church: an Outline of its History from the end of the First to the end of the Nineteenth Century*. Philadelphia: United Lutheran, 1925.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MOREAU, Jackson. *Die Christenverfolgung im Römischen Reich*. Berlin: Töpelmann, 1961.

ORÍGENES; FRANGIOTTI, Roque. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.

PORTO FILHO, Manoel da Silveira. *Congregacionalismo brasileiro: fundamentos históricos e doutrinários*. Rio de Janeiro: DERP-UIECB, 1997.

PRETSCHER, Josef: *Kirchengeschichte aus erster Hand: Berichte von Augenzeugen und Zeitgenossen*. Würzburg: Arena, 1964.

RITTER, Adolf Martin. *Alte Kirche*. vl. 1. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1977.

WALKER, Williston. *A History of the Christian Church*. New York: Scribner's Sons, 1934.